

# Literaturas de Língua Inglesa e a formação do leitor

SANDRA SIRANGELO MAGGIO<sup>12</sup>

**N**ós, professores – não sem motivos –, costumamos reclamar das condições de ensino no Brasil. Desta vez, entretanto, quero começar com uma nota de otimismo, ressaltando o que considero um dos grandes privilégios do professor brasileiro, que é o de ter autonomia suficiente para determinar o que vai ser feito em sua sala de aula. Em outros sistemas educacionais mais rígidos, existem programas fixos. Quando um professor fica encarregado de uma disciplina de Literatura, por exemplo, a ementa já traz a grade de obras que devem ser analisadas. Isso, por um lado, deixa as coisas bem organizadas, e a instituição pode garantir que seus formandos tenham lido uma porcentagem exata do cânone programado. Por outro lado, quando o professor tem a oportunidade de oferecer aquilo que ele melhor sabe, trabalhando textos e autores com os quais está envolvido de fato e que conhece mais profundamente, os resultados tendem a ser mais marcantes e o efeito mais permanente na experiência dos alunos. Assim, acabo acreditando que cada sistema tem as suas peculiaridades, as suas vantagens e desvantagens.

---

<sup>12</sup> Sandra Sirangelo Maggio é Mestre em Língua Inglesa e Literaturas Correspondentes pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, SC, Brasil, e Doutora em Literatura Anglo-Americana pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil. É professora dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Letras da UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil.

A educação no Brasil é considerada desorganizada e pouco qualificada, com seus professores sobrecarregados e mal remunerados. Em países mais desenvolvidos a situação é diferente, mas não se pode dizer que por lá também não haja problemas. São apenas problemas diferentes dos nossos. Trata-se, às vezes, de povos com alto desempenho tecnológico e grande capacidade cultural, mas onde as relações entre as pessoas parecem estar deixando a desejar. Tomemos Paris, por exemplo, uma das tantas grandes capitais europeias que se encontra com uma população culta e abastada, mas envelhecida, que ocupou o tempo criando cães e gatos e esqueceu-se de procriar, gerando problemas com a força de trabalho jovem, que deixou de existir e de alimentar o sistema de seguridade social. Ao redor da capital esvaziada temos uma periferia composta por imigrantes que, por sua vez, têm famílias grandes demais, o que vem provocando episódios esporádicos de tumulto e de conflito social.

Em 1997, o Ministério da Educação da França convocou o sociólogo Edgar Morin para elaborar algo semelhante aos nossos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), para que a educação naquele país se tornasse mais voltada para coisas práticas e concretas. Morin criou então o método dos Eixos Transversais, com o objetivo de formar indivíduos que, além de serem profissionais competentes, interajam melhor com a comunidade em que se inserem. Nesse método, a educação dá-se através da integração das diferentes disciplinas cursadas pelos alunos, feita através de projetos. A escola poderia dividir o ano letivo em três projetos, por exemplo, “Vivendo em um Condomínio” para o primeiro trimestre, seguido de “O Trânsito em nossa Cidade” para o segundo e “Descartando o Lixo” no terceiro. Cada professor, de cada disciplina, direcionaria suas aulas para essas questões práticas, seriam feitas visitas ao bairro e a locais específicos, e as famílias seriam envolvidas nas discussões.

O método de Morin é também bastante utilizado no Brasil, porém com mais frequência em escolas particulares. Intrigada com essa diferença, conversei com vários professores para descobrir por que isso é assim. Concluí que o método dos Eixos Transversais, para funcionar apropriadamente, requer muita coesão entre as disciplinas. Para isso, são necessárias reuniões frequentes, no mínimo semanais, entre os professores. Nas escolas particulares, esses encontros costumam ser pagos, o que não ocorre

na escola pública, onde os professores são mais sobrecarregados e têm pouco tempo para se encontrar com os colegas.

Feita a ressalva inicial sobre o fato de que cada sistema educacional tem seus problemas, repito que considero um privilégio que os professores brasileiros tenham facilidade, se quiserem, para oferecer leituras opcionais a alunos de qualquer nível. Para celebrar esse privilégio, convido os leitores a percorrerem comigo a trajetória hipotética de uma criança que, entrando para a Educação Infantil ainda bebê, avance pelo Ensino Fundamental e Médio sempre em contato com livros, de modo a poder tornar-se, além de um aluno equipado para fazer frente aos conteúdos estudados, também um bom leitor.

Crianças que vêm de famílias que têm livros, e que as incentivam a ler, veem-se amparadas nos dois principais ambientes de aprendizado, que são o lar e a escola. Já para as que não têm tanta sorte, e cujo único contato com o estudo vem do colégio, a interferência por parte de um professor que se interesse em despertar o gosto pela leitura torna-se ainda mais essencial e determinante para a vida do aprendiz.

Nas creches e escolas infantis, a rotina das crianças faz-se através de uma série de atividades, que se repetem de forma cíclica e que vêm divididas em períodos de curta duração, pois quanto menor é a criança menor o tempo em que consegue concentrar sua atenção em um determinado foco de interesse. Há muitos momentos, nessa rotina de escola infantil, em que podem ser introduzidos os primeiros livros. Mesmo crianças que ainda não completaram um ano de idade já podem carregar para a escola os seus livrinhos de pano ou de borracha, examinar as imagens e ouvir, por parte de um adulto que admirem, em momentos de aconchego, o que está ali escrito. Os livros hoje costumam ser muito bonitos, muitos são interativos, ou tridimensionais, ou trazem DVDs com filmes, jogos e atividades complementares. Mas com frequência o livro do qual a criança mais gosta é aquele cuja história lhe é lida repetidamente por este adulto a quem ela ama, seja um dos pais ou um dos professores. Com muita facilidade elas aprendem o texto de cor, e se mostram desagradadas quando algum trecho é omitido ou modificado.

Como esta apresentação é voltada para as literaturas de Língua Inglesa, e queremos começar bem do início, o primeiro contato da criança poderia ser através de *nursery rhymes*, as parlendas do inglês, apresentadas,

como deveria ser, em seu idioma original. Isso pode parecer estranho, mas no mundo das crianças pequenas, o conteúdo das palavras, e o idioma em que são pronunciadas, conta menos do que o gestual e o tom de voz envolvidos. Assim, caso o adulto responsável domine o inglês o suficiente para encenar uma parlenda, não há por que não a oferecer. Dou aqui um exemplo simples de como esta atividade funciona, com o texto de:

*Round and round the garden,*

*Like a teddy bear.*

*One step, two steps...*

*Tickle you under there!*

O adulto responsável faz círculos na palma da mão da criança, lentamente, encara-a fixamente e sussurra em voz ao mesmo tempo carinhosa e instigante: *“Round and round the garden, like a teddy bear.”* Na segunda parte da parlenda, os dedos indicador e médio do adulto vão caminhando no braço da criança, para cima, enquanto ele diz *“One step, two steps...”* na mesma velocidade lenta e cativante em que a historinha vinha sendo contada, para então acelerar o ritmo e aumentar a voz, dizendo *“Tickle you under there!”* enquanto usa os dedos para fazer cosquinhas na axila da criança.

Dentre tantos textos disponíveis para crianças pequenas (no original, em tradução ou adaptados), há vários Clássicos Disney baseados em histórias que vêm da tradição britânica, como ilustra a tabela a seguir:

Filme	Ano	Obra	Autor
<i>Dumbo (Dumbo)</i>	1941	<i>Dumbo</i>	Helen Aberson e Harold Perl
<i>Alice in Wonderland (Alice no País das Maravilhas)</i>	1951	<i>Alice's Adventures in Wonderland</i>	Lewis Carroll
<i>Peter Pan (Peter Pan)</i>	1953	<i>Peter Pan, or The Boy Who Wouldn't Grow Up</i>	James M. Barrie

Filme	Ano	Obra	Autor
<i>101 Dalmatians</i> (Os 101 Dálmatas)	1961	<i>The Hundred and One Dalmatians</i>	Dodie Smith
<i>The Sword in the Stone</i> (A Espada Era a Lei)	1963	<i>The Once and Future King</i>	T. H. White
<i>The Jungle Book</i> (Mogli, o Menino Lobo)	1967	<i>The Jungle Book</i>	Rudyard Kipling
<i>Robin Hood</i>	1973	<i>Lendas de Tradição Oral</i>	Anônimo
<i>The Many Adventures of Winnie the Pooh</i> (As Aventuras do Ursinho Puff)	1977	<i>Winnie-the-Pooh Books</i>	A. A. Milne
<i>Tarzan</i>	1999	<i>Tarzan of the Apes</i>	Edgar Rice Burroughs

Ainda na tradição britânica, há também as lindas histórias do coelho Peter Rabbit e seus amigos do bosque, escritas e ilustradas pela escritora vitoriana Beatrix Potter, e a série de livros sobre o Trenzinho Thomas (*Thomas the Tank Engine*), criada pelo Reverendo Wilbert Awdry.

Com crianças maiores, na fase inicial do Ensino Fundamental (da primeira à quinta série), a biblioteca da escola pode ser visitada a cada semana, tanto para a Hora do Conto quanto para o momento especial da escolha e troca dos livros que podem ser levados para casa. As escolas que trabalham pelo método dos Eixos Transversais escolhem também uma leitura obrigatória, em livro de temática relacionada ao projeto do trimestre, que é trabalhado pelas crianças em todas as disciplinas. Para essa faixa etária há também os livros infanto-juvenis, as feiras do livro e as visitas dos autores locais às escolas.

A partir da segunda parte do Ensino Fundamental (da sexta à nona série) muitas escolas apresentam listas de livros contendo vários títulos, dos quais alguns são de leitura obrigatória e outros podem ser selecionados pelo aluno dentre os títulos da lista apresentada, de forma que, a cada trimestre, cada aluno leia pelo menos três livros, um obrigatório e dois opcionais. Os títulos a seguir são muito utilizados, e também podem ser

encontrados em várias editoras, em modalidades distintas, como versões original completa, adaptada ou simplificada, em inglês ou em português:

- AUSTEN, Jane. *Orgulho e Preconceito (Pride and Prejudice)*
- BRONTË, Charlotte. *Jane Eyre*
- BRONTË, Emily. *O Morro dos Ventos Uivantes (Wuthering Heights)*
- DEFOE, Daniel. *Robinson Crusoé*
- DICKENS, Charles. *David Copperfield*
- DICKENS, Charles. *Oliver Twist*
- DICKENS, Charles. *Um Conto de Natal (A Christmas carol)*
- GOLDING, William. *O Senhor das Moscas (Lord of the Flies)*
- HEMINGWAY, Ernest. *O Velho e o Mar (The Old Man and the Sea)*
- HOLMES, Sherlock. *O Cão dos Baskervilles (The Hound of the Baskervilles)*
- LOBATO, Monteiro (tradução e adaptação). *Robin Hood*
- MOORE, Alan; GIBBONS, Dave. *Watchmen*
- ORWELL, George. *A Revolução dos Bichos (Animal Farm)*
- POE, Edgar Allan. *Histórias Extraordinárias (Tales of the Grotesque and Arabesque)*
- POTTER, Beatrix. *As Aventuras de Peter Rabbitt (The Tale of Peter Rabbit)*
- ROWLING, K. J. *Harry Potter e a Pedra Filosofal (Harry Potter and the Philosopher's Stone)*
- SALINGER, J. D. *O Apanhador no Campo de Centeio (The Catcher in the Rye)*
- SCOTT, Walter. *Ivanhoé*
- SHAKESPEARE, William. *Macbeth*
- SHAKESPEARE, William. *Romeu e Julieta*
- SHELLEY, Mary. *Frankenstein*
- STEINBECK, John. *A Pérola*
- STEVENSON, Robert Louis. *O Médico e o Monstro (The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde)*
- STOKER, Bram. *Dracula*
- TOLKIEN, J. R. R. *O Senhor dos Anéis (The Lord of the Rings)*
- TWAIN, Mark. *As Aventuras de Huckleberry Finn*
- TWAIN, Mark. *Tom Sawyer*

Nos casos em que o professor faz uso de séries longas, como os livros da série *Harry Potter*, de Rowling, ou de *O Senhor dos Anéis*, de Tolkien, o professor precisa planejar como a leitura vai ser administrada e quais atividades serão oferecidas como suporte. Há também os casos dos livros que enganam, vendidos há séculos como literatura infanto-juvenil, apesar de não o serem. Não quero dizer que esses livros não devam ser utilizados, mas o professor deve estar ciente quanto ao tipo de material que está trabalhando e quanto às diferentes formas como ele pode ser apresentado aos alunos. Os dois exemplos clássicos são *Viagens de Gulliver* (*Gulliver's Travels*), de Jonathan Swift, e os dois livros de Lewis Carroll, *Alice no País das Maravilhas* (*Alice's Adventures in Wonderland*) e *Alice no Reino do Espelho* (*Through the Looking Glass*). *Viagens de Gulliver* é uma sátira política em que são criticados vários aspectos das relações entre a Inglaterra e outros países, em especial quanto ao seu jugo sobre a Irlanda. Isso ocorre de forma especialmente mais intensa na primeira viagem, em Lilliput, a terra dos anões. Na época em que a obra foi escrita, praticamente todos os políticos ridicularizados na sátira foram facilmente reconhecidos. Swift, que durante anos nutria a esperança de ser designado como deão da Abadia de Westminster, em Londres, ao ver o seu sonho posto por terra devido aos políticos que lhe tinham inveja e se opunham a ele, fez da publicação desta obra o seu instrumento de vingança. O governo inglês, ciente do fato de que quanto mais se proibisse a obra mais ela venderia, contra-atacou elogiando o livro e aconselhando que as famílias o comprassem, para entreter suas crianças, pois se tratava de estorinhas deliciosas que traziam anõezinhos, gigantes e bichinhos que falavam como gente. Desde então, *Viagens de Gulliver* nunca mais se livrou do rótulo de literatura infantil.

O mesmo tipo de engano ocorre com relação aos *Alice Books* de Carroll. Para quem gosta de matemática e jogos de lógica, esses livros são tão instigantes quanto são para nós as obras de Malba Tahan. E para os adeptos de psicanálise e dos estudos do imaginário, eles fornecem uma coleção inesgotável de imagens oníricas, muitas vezes bastante angustiantes e opressivas. Lewis Carroll é de fato o pseudônimo de Charles Lutwidge Dodgson, que foi professor de Matemática de Oxford, fotógrafo e reverendo anglicano.

Em minha opinião, quando o aluno atinge o Ensino Médio, não há muito mais a ser feito. Ou ele já adquiriu o hábito da leitura e o administra

por si mesmo, ou é melhor esperar por uma época mais tranquila para continuar a caminhada. No Ensino Médio, o foco de atenção da escola e da família passa a ser o Exame Vestibular, e as leituras exigidas serão as das listas das melhores universidades de cada região. Os alunos se tornam desatentos e ansiosos, afligidos com a necessidade de escolher uma profissão. Encontram-se em plena fase de adolescência, com os hormônios, os neurônios e todo o resto do corpo mudando sem parar. Nessa fase, em que é difícil concentrar a atenção em seja o que for, eles recebem para ler livros como *A Peste*, *O Estrangeiro*, *As Moscas*, *Cem Anos de Solidão*, *Dom Casmurro*, todos livros que considero magníficos e que deliciam qualquer pessoa de quarenta anos ou mais. Só que são muito poucos os alunos do Ensino Médio regular que têm essa idade.

Encerro, assim, minha participação nesta troca de ideias sobre livros que nossos alunos podem ler, reafirmando minha opinião de que as coisas estão melhorando cada vez mais na trilha do planejamento de leituras que podem acompanhar um aprendiz pela estrada da vida escolar. Faltam apenas alguns ajustes quanto à adequação entre o tipo de leitura exigida na fase final dessa caminhada, para contemplar melhor a fase da vida e do desenvolvimento emocional e intelectual em que se encontra o estudante que se prepara para o fim do ciclo médio e o início da vida adulta, na qual se espera que mantenha sempre um bom livro por perto. Ou, como diziam os gregos, tudo deve ser feito com moderação: é importante ler sempre, pouco e bem.

## Bibliografia

- ABERSON, H.; PERL, H. [1941]. *Dumbo, the flying elephant*. New York: Puffin Books, 1983.
- ARMSTRONG, Alexander. *Dumbo* [filme]. Walt Disney Productions. 1941. Technicolor, 64 min, RCA Mono.
- AUSTEN, Jane. *Pride and prejudice*. Harmondsworth: Penguin, 1989.
- AWDRY, Wilbert. *Thomas the tank engine and friends*. New York: Random House, 2005.
- BARRIE, J. *Peter Pan, or the boy who wouldn't grow up*. New York: Dover, 2000.
- BRONTË, Charlotte. *Jane Eyre*. Harmondsworth: Penguin, 1983.



- BRONTË, Emily. *Wuthering heights*. Harmondsworth: Penguin, 1992.
- BUCK, Chris; LIMA, Kevin. *Tarzan* [filme]. Walt Disney Productions. 1999. Technicolor, 88 min, Dolby.
- BURROUGHS, Edgar Rice. *Tarzan of the apes*. Oxford: OUP, 2012.
- CAMUS, A. *The plague*. New York: Vintage, 1991. Tradução de Stuart Gilbert.
- CARROLL, Lewis. *Alice's adventures in wonderland*. New York: Dover, 1993.
- CARROLL, Lewis. *Through the looking glass*. New York: Dover, 1999.
- DEFOE, Daniel. *Robinson Crusoe*. London: Wordsworth Classics, 2006.
- DICKENS, Charles. *A Christmas carol*. New York: Dover, 1991.
- DICKENS, Charles. *David Copperfield*. London: Penguin, 2004.
- DICKENS, Charles. *Oliver Twist*. London: Penguin, 2006.
- GERONIMI, Clyde. *101 Dalmatians* [filme]. Walt Disney Productions. 1961. Technicolor, 79 min, RCA Mono.
- GERONIMI, Clyde. *Alice in Wonderland* [filme]. Walt Disney Productions. 1951. Technicolor, 75 min, RCA Mono.
- GERONIMI, Clyde. *Peter Pan* [filme]. Walt Disney Productions. 1953. Technicolor, 77 min, RCA Mono.
- GOLDING, William. *Lord of the flies*. New York: Perigee Books, 1962.
- HEMINGWAY, Ernest. *The old man and the sea*. New York: Scribner, 1996.
- HOLMES, Sherlock. *The hound of the Baskervilles*. New York: Waldman, 2008.
- KEMP, Moira. *Round and round the garden*. New York: Consortium, 2003.
- KIPLING, R. *The jungle book*. New York: Simon and Brown, 2012.
- LOBATO, Monteiro. *Robin Hood*. Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1965.
- MARQUEZ, G. G. *One hundred years of solitude*. New York: Harper & Row, 1967.
- MILNE, A. A. *The complete tales of Winnie-the-Pooh*. New York: Dutton, 1954.
- MOORE, Alan; GIBBONS, Dave. *Watchmen*. New York: DC Comics, 1995.
- MORIN, E. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma; reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2004. Tradução de Eloá Jacobina.
- MORIN, E. *Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios*. São Paulo: Cortez, 2002. Tradução de Edgard de Assis Carvalho.
- ORWELL, George. *Animal farm*. New York: Dover, 2001.

- POE, Edgar Allan. *Selected tales*. Oxford: OUP, 2008.
- POTTER, Beatrix. *The complete tales*. Harmondsworth: Penguin, 1989.
- REITHERMAN, Wolfgang. *Robin Hood* [filme]. Walt Disney Productions. 1973. Technicolor, 83 min, RCA Mono.
- REITHERMAN, Wolfgang. *The jungle book* [filme]. Walt Disney Productions. 1967. Technicolor, 78 min, RCA Mono.
- REITHERMAN, Wolfgang. *The sword in the stone* [filme]. Walt Disney Productions. 1963. Technicolor, 79 min, RCA Mono.
- REITHERMAN, Wolfgang; LOUNSBERY, John. *The many adventures of Winnie the Pooh* [filme]. Walt Disney Productions. 1977. Technicolor, 77 min, RCA Mono.
- ROWLING, K. J. *Harry Potter and the philosopher's stone*. London: Bloomsbury, 1997.
- SALINGER, J. D. *The catcher in the rye*. Harmondsworth: Penguin, 1978.
- SARTRE, J.-P. The flies. In: *No exit and three other plays*. New York: Vintage, 1989. Tradução de Stuart Gilbert.
- SCOTT, Walter. *Ivanhoe*. Oxford: Oxford Classics, 2010.
- SHAKESPEARE, William. *Macbeth*. Oxford: OUP, 2005.
- SHAKESPEARE, William. *Romeo and Juliet*. Oxford: OUP, 2005.
- SHELLEY, Mary. *Frankenstein*. New York: Dover, 1994.
- SMITH, Dodie. *The hundred and one Dalmatians*. Puffin Books, New York, 1984.
- STEINBECK, John. *The pearl*. New York: Library of America, 1952.
- STEVENSON, Robert Louis. *The strange case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. London: Penguin, 2006.
- STOKER, Bram. *Dracula*. New York: Norton Critical Editions, 1996.
- SWIFT, J. *Gulliver's travels*. London: Penguin, 2004.
- TAHAN, Malba. *The man who counted: a collection of mathematical adventures*. London: Norton, 1993. Tradução de Leslie Clark and Alastair Reid.
- TOLKIEN, J. R. R. *The fellowship of the ring*. Boston: Houghton Mifflin, 1981.
- TWAIN, Mark. *The adventures of Huckleberry Finn*. New York: Dover, 2009.
- TWAIN, Mark. *The adventures of Tom Sawyer*. Oxford: Oxford Classics, 2001.
- WHITE, T. H. *The once and future king*. New York: Putnam, 1965